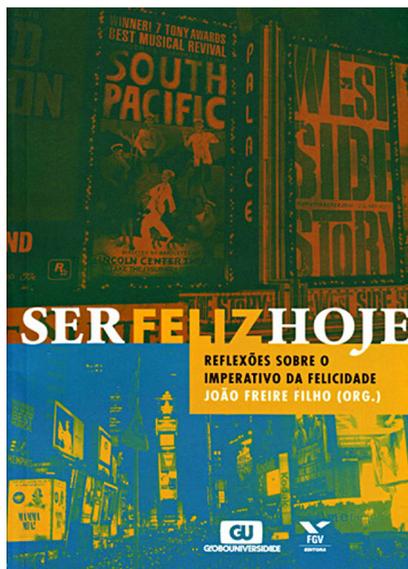


Tempo de ser feliz(?)

Bruna Rocha Silveira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS/RS/BR. bruna.rochasilveira@gmail.com



FREIRE FILHO, João. *Ser feliz hoje*: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

Que é felicidade? Como encontrá-la? Como mantê-la? Quais são os elementos constitutivos da felicidade? Quais são os padrões que definem uma vida feliz? Quem define o que é viver bem, e com que autoridade?

Essas perguntas são magistralmente refletidas na coletânea de textos organizados por João Freire Filho no livro *Ser Feliz Hoje*, reflexões sobre o imperativo da felicidade. A coletânea é o registro impresso do Seminário Internacional *Ser Feliz Hoje* realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, no Rio de Janeiro em 2010.

Os 14 textos presentes nessa coletânea são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicanálise, a literatura e a comunicação, e dialogam entre si a partir de diferentes pontos de vista e conceitos diversos como individualismo, autonomia, disciplina, governo e cidadania, modelos psicanalíticos, perfeição física e biotecnologia. Em sua introdução, o professor João Freire Filho profere que o objetivo da coletânea não é desvendar os segredos da

felicidade, mas “examinar os impactos na configuração da subjetividade e da sociedade gerados por investimentos maciços em versões específicas da vida feliz, em detrimento de outros itinerários propostos no passado ou aventados, sem grande ressonância, na atualidade” (2010, p. 22).

Sobre o conceito de felicidade, Vera França nos esclarece que esse é um conceito plural e ambíguo que depende do contexto sócio-histórico em que se vive, podendo ser definido por uns como momentos de alegria e, para outros, um estado de plenitude permanente. Em consonância com o texto de Vera França, Gilberto Velho apresenta a felicidade como uma ideia que se constrói num quadro sociocultural, e como participamos de fluxos socioculturais diversos, a felicidade também pode se apresentar de diversas formas. Nesse mesmo eixo, Luiz Fernando Dias Duarte destaca que o ponto central da investigação do sentido da felicidade é sua condição de ideal. Assim, a felicidade se apresenta na sociedade contemporânea como desejo e esperança de todos os sujeitos.

Em seus textos, João Freire Filho e Sam Binkley abordam de forma crítica a crescente indústria do bem-estar, com suas técnicas, livros, filmes, manuais e workshops que ensinam como atingir a felicidade e manter o pensamento positivo. Os autores trabalham os conceitos da psicologia positiva, para a qual a felicidade é construída pelos sujeitos e traz inúmeros benefícios. Entretanto, essa felicidade é de total responsabilidade do indivíduo, sendo, como explica Binkley, uma tecnologia do governo neoliberal, uma vez que o sujeito precisa governar a si mesmo a fim de potencializar sua felicidade. Seguindo a mesma linha de pensamento, Joel Birman questiona essa suposta gestão da felicidade na sociedade contemporânea. Os três autores ainda evocam o sofrimento que essa responsabilidade por construir a própria felicidade pode provocar nos indivíduos, que sentem-se desamparados e angustiados por serem responsáveis pelo seu próprio sucesso ou fracasso.

Nessa sociedade que tem a felicidade como uma obrigação, o culto ao corpo, beleza e saúde passa a ser um imperativo também. Paula Sibilía expõe em seu trabalho a busca pela felicidade na busca pelo corpo perfeito e a obrigação das pessoas de enquadrarem-se no padrão apresentado como ideal pela sociedade. Daí vem a expressão *fitness* para designar o corpo em forma (*to fit in* = enquadrar-se). Para ter esse corpo ideal, as pessoas mostram-se dispostas a todo tipo de sofrimento como dietas, cirurgias plásticas e exercícios físicos à exaustão. É a lógica do sofrer hoje para ganhar a recompensa amanhã. Em sua construção histórica da felicidade no país, Denise Bernuzzi de Sant’Anna nos mostra que parte das nossas crenças na juventude, beleza e saúde como ideal de felicidade vem também do discurso midiático, citando diversos exemplos, como o da publicidade, que já na década de 1930 “vendia” a “alegria de viver” como valor. Para Christian Ferrer, que tenciona a felicidade e a sociedade do espetáculo em seu artigo, a sociedade contemporânea cresceu

sendo acostumada aos espetáculos visuais dos meios de comunicação de massa, e essas imagens de felicidade acabam amparando os indivíduos e suavizando os problemas da vida diária.

Nesse cenário de busca pela felicidade e pelo corpo ideal, tão propagados pelos discursos midiáticos, nos deparamos com indivíduos extremamente preocupados com saúde, qualidade de vida e bem estar, itens que hoje, considerando o avanço da biotecnologia e da neurociência, podem ser facilmente comprados na farmácia mais próxima. Benilton Bezerra Jr. aborda em seu texto a biotecnologia como um instrumento de ampliação do poder do ser humano sobre a sua natureza. Poder esse capaz de acabar com o sofrimento através de doses diárias de felicidade em cápsulas. O tema da psicofarmacologia é também tratado com maestria por Toby Miller, que analisa a “criação” de felicidade através da psicanálise, psicologia, psicoterapia, psiquiatria, psicologia social, criminologia e psicofarmacologia nos EUA. Em meio a profusão dos remédios psicoativos e das formas de busca por prazer, Paulo Vaz questiona em seu trabalho a cultura terapêutica, e apresenta o hospital e as artes como as instituições mais relevantes de nossa sociedade. O hospital, por cuidar dos nossos sofrimentos, e as artes, por proporcionar excitação.

Para fechar a coletânea de textos, Bianca Freire-Medeiros e Luiz Eduardo Soares tratam de experiências pontuais de espetáculos visuais. No primeiro, a autora analisa o olhar do turista estrangeiro no turismo feito nas favelas do Rio de Janeiro. Soares, por sua vez, analisa a proposta de felicidade feita pelo grupo teatral carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, na década de 1970, na peça *Trate-me Leão*: “A felicidade é um compromisso terrestre”.

A reunião de textos de *Ser Feliz Hoje* nos mostra que a felicidade sempre foi meta dos seres humanos, e que existiram na história formas muito diversas de entendê-la e de atingir uma felicidade possível. Esses conceitos continuam a ser constantemente reconstruídos e modificados. Na sociedade contemporânea os indivíduos buscam a gestão da sua própria natureza por meio da ciência e a psicologia positiva, que tem sido propagada por meio de livros e pela mídia em geral, nos diz que querer ser feliz é poder ser feliz. Ficam as indagações: viver sem sofrimentos é humano? Será que sabemos qual ou que felicidade queremos? E essa felicidade, está mesmo disponível para todos? E se acaso a encontrarmos, estaremos satisfeitos?

Diferentemente dos livros de auto-ajuda, que apresentam caminhos para a felicidade eterna, *Ser Feliz Hoje* traz consigo questionamentos bem formulados sobre a sociedade contemporânea e a forma como ela lida com seus sofrimentos, angústias e êxitos, tendo como base construções teóricas consistentes. Os diálogos com autores clássicos de diversas áreas do saber resultam em reflexões nas quais a felicidade é tratada de forma sensível, crítica e perspicaz. ●